

Direitos autorais reservados.
Proibida a reprodução total ou
parcial não autorizada.

Eloí Bocheco

CASA DE CONCERTOS

ilustrações:
Walther Moreira Santos



M
MELHORAMENTOS

casa de concertos de concertos

Direitos autorais reservados.
Proibida a reprodução total ou
parcial não autorizada.

Editora Melhoramentos

Bocheco, Eloí

Casa de concertos / Eloí Bocheco; ilustrações Walther Moreira Santos. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012 (Arte e Forma)

ISBN 978-85-06-00577-4

1. Literatura infantil brasileira. I. Santos, Walther Moreira.
II. Título. III. Série.

12/103

CDD-869.8B

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 809.8
2. Literatura infantil brasileira 869.8B

Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

© 2012 Eloí Bocheco

Diagramação: Olé Estúdio

Ilustrações: Walther Moreira Santos

Direitos de publicação:

© 2012 Editora Melhoramentos Ltda.

1.^a edição, agosto de 2012

ISBN: 978-85-06-05777-4

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

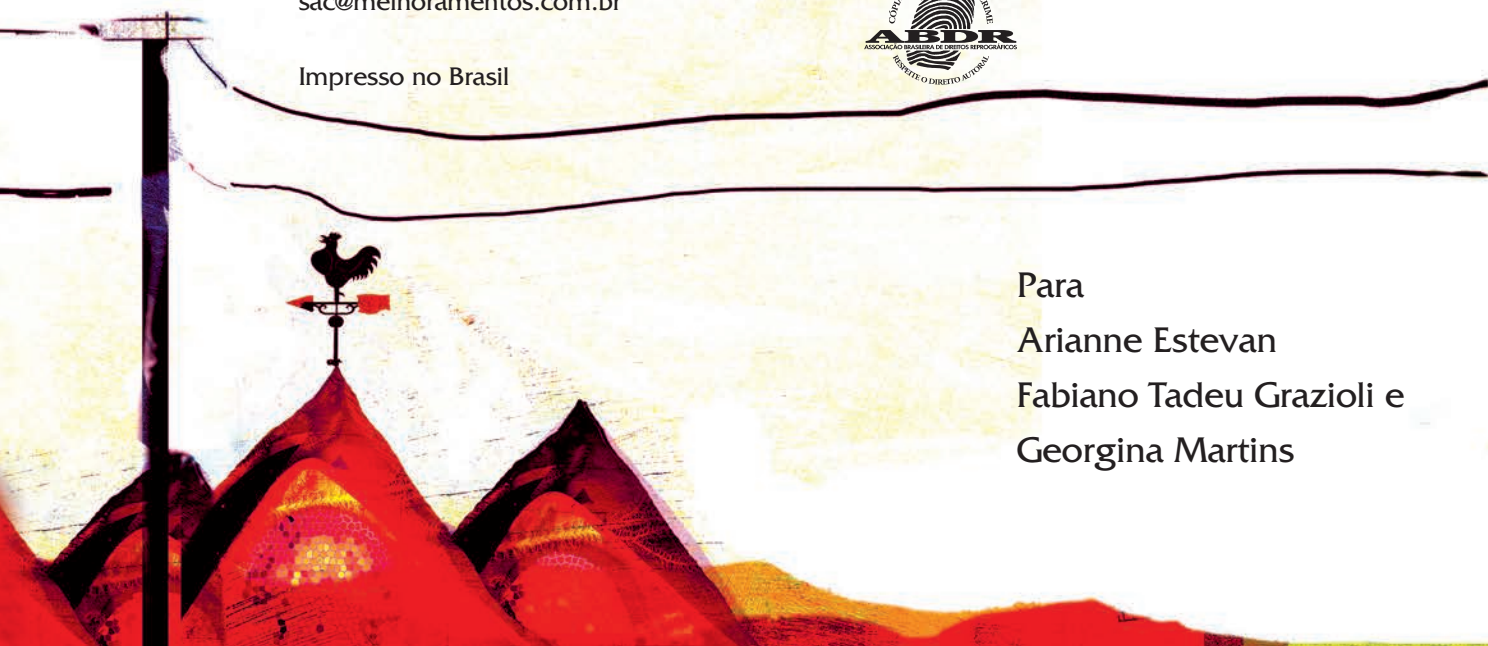
www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br



Impresso no Brasil

Para
Arianne Estevan
Fabiano Tadeu Grazioli e
Georgina Martins



Direitos autorais reservados.
Proibida a reprodução total ou
parcial não autorizada.

Eloí Bocheco

CASA DE CONSERVATOS

ilustrações:

Walther Moreira Santos





Eu quero meus brinquedos novamente.

Mário Quintana

I

minha vó é tipo vó de todo o bairro. Poucos a chamam de dona Sofia. Mais que a chamam é de vó. Não gosto muito desse negócio de chamar de vó uma vó que é minha.

Ela se aposentou da profissão de enfermeira e abriu uma oficina de consertos de brinquedos. A oficina fica junto com a casa, na sala da frente, onde ficam também os livros que eram do meu bisavô.

A casa é a mais antiga da rua. É parecida com um casarão que vi num livro de histórias quando eu estudava na primeira série. O casarão era de uma bruxa sinistra, e eu fiquei triste por ver que a casa da minha vó era parecida com casarão de bruxa. Aí a minha mãe disse que vó Sofia era bruxa também, mas daquelas que só fazem feitiços para a vida brilhar.

O casarão é cheio de lugares maneiros, tipo esconderijos. E tem o sótão, de onde dá pra ver toda a cidade, mais o mar, as duas pontes e o bairro de Coqueiros.

Junto com o casarão fica a marcenaria do meu tio. Ele e o meu pai trabalharam juntos durante muitos anos. Depois o meu pai casou com a minha mãe e foi embora pra outra cidade, mas continuou trabalhando de marceneiro.

Para chegar à marcenaria basta passar uma porta e um corredorzinho. A porta fica sempre fechada para não entrar pó de serra e também por causa do barulho das máquinas.

Sempre eu passo as férias no casarão. Fico mais na Casa de Consertos: atendo telefone, sento num banquinho pra ver vó Sofia trabalhar, ou então para ouvir as histórias que ela conta, ou para conversar.

– Vó Sofia, você queria ser um passarinho ou um jacaré?

– Ah, um jacaré que não lava o pé.

– Sério: se você não fosse você, o que gostaria de ser?

– Acho que escolheria ser um tatu.

– Tatu?

É. Tatus são engraçados, têm a carapaça dura e moram em tocas.

Direitos autorais reservados.
Proibida a reprodução total ou
parcial não autorizada.

- Também acho os tatus engraçados, mas qual é a vantagem de morar em tocas?
- Ficam protegidos nas tempestades.
- Isso é. Eu queria ser um bicho do ar, tipo andorinha, bem-te-vi, canário...
- Você aí me perguntando que bicho eu queria ser, Olímpia, e eu aqui virada num caranguejo ou numa tartaruga!



Vó Sofia fala isso por causa das pernas dela que não andam mais direito. Ela se apoia numa cadeira de palha e vai empurrando a cadeira pro tanque, pra cozinha, pra varanda, pro quintal, pro jardim, pra Casa de Consertos, onde senta, esquece as pernas de caranguejo e trabalha no conserto dos brinquedos. Faz milagres pra emendar o que tá quebrado. Parece que os brinquedos nascem de novo das mãos da minha vó.

Vai trabalhando e conversando com os fregueses ou com pessoas que estão só de passagem pela Casa de Consertos. E nunca deixa de receitar um “remedinho literário”, como ela diz.

Para dona Clarice, que estava se separando do marido e estava na maior deprê, ela receitou um livro de poemas de Mário Quintana. Para dona Clara, que estava achando o mundo um caos, ela deu um Manuel Bandeira enorme. A dona Clara levou quase um ano pra ler todo aquele livrão. Para o Carlos, que sofre de falta de leitura, nunca leu um livro na vida, ela emprestou um livro do Josué Guimarães. Para dona Leninha, que sofre de trocas, tipo assim: diz sim quando quer dizer não, e diz não quando quer dizer sim, ela indicou o livro *Solte os Cachorros*, da escritora Adélia Prado. Para o seu Eduardo, que disse que o deserto do Saara tinha se mudado pro coração dele, ela emprestou um livro da Cecília Meireles. Para cada caso receita um autor. Vó Sofia sempre dá um jeito de botar perto dos livros os que vêm à Casa de Consertos. Diz que livro é como o pão nosso de cada dia para a alma e que alma vazia não para em pé e pode cair nalgum abismo ou na boca de algum crocodilo de plantão.

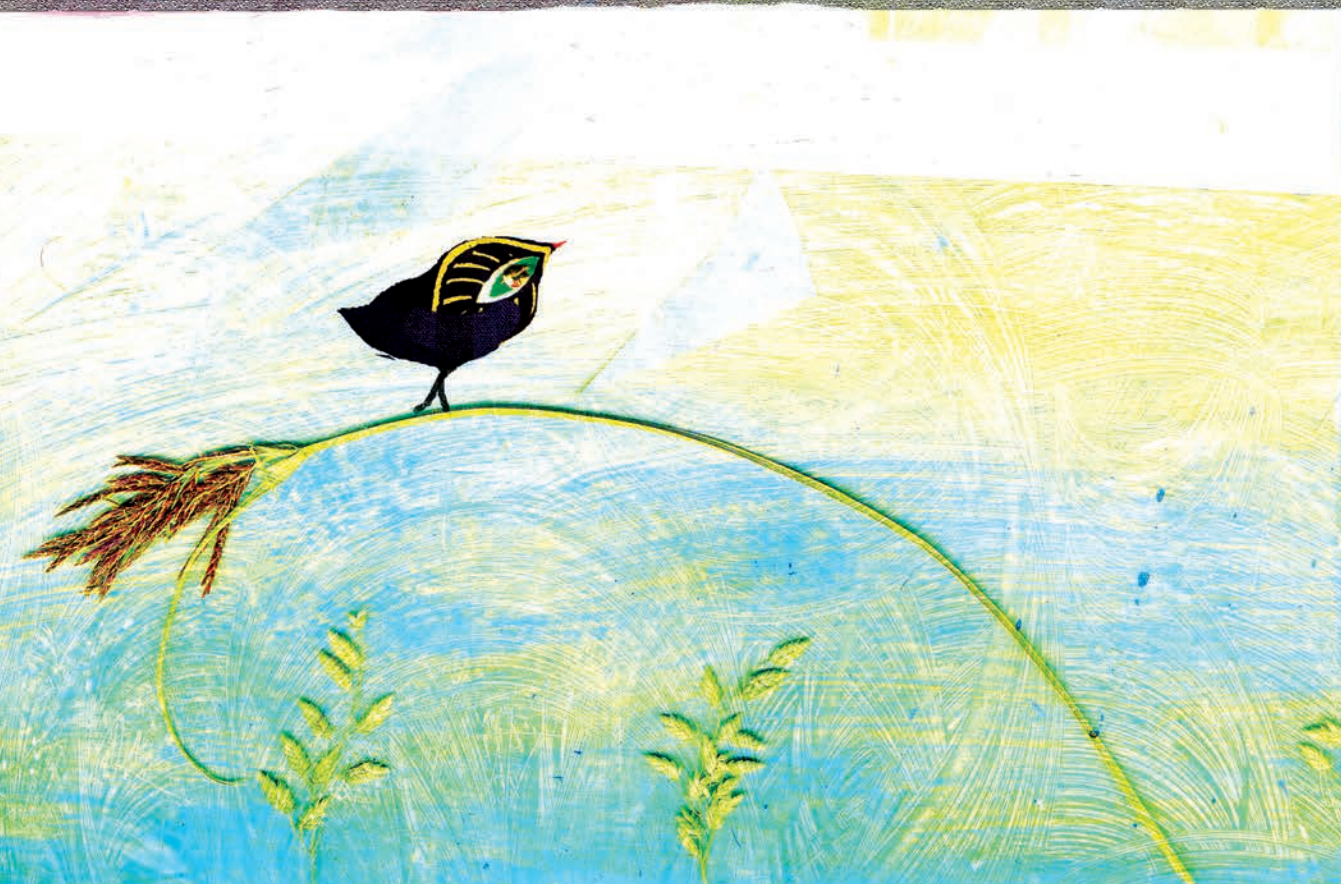
Quando era enfermeira, ela vivia com uma malinha cheia de livros que lia para os doentes, ou dava na mão deles pra lerem e se animarem, ou então pra conhecerem histórias que tinham a ver com a vida deles. Quando a minha mãe deixava, eu ia com vó Sofia ao hospital infantil e ajudava a ler os livros para as crianças.

Direitos autorais reservados.
Proibida a reprodução total ou
parcial não autorizada.



C
O
R
R
E
I
O

Direitos autorais reservados.
Proibida a reprodução total ou
parcial não autorizada.





II

eu pai foi morar pra lá das estrelas. Eu tinha acabado de aprender a ler e ele tava muito feliz. Ele falava pra mim que ler era como tomar posse de um mundo novo.

– Olímpia, leia pra mim um livro. Quero ver se a sua vó ensinou você a ler direito.

– E o que é ler direito, pai?

– É ler sem tropeçar nas palavras.

– Tá. Qual livro você quer que eu leia?

– Esse dali: *Gato Que Pulava em Sapato*. O título é engraçado.

Quando termino de ler, ele me aplaude.

– Agora eu escolho outro pra ler pra você – eu disse.

– Claro, escolha.

Peguei *Boi da Cara Preta* e li o poema “Guaraná com canudinho”.

Ele riu um monte e disse:

– Quando eu era menino, não tinha tanto livro infantil como tem hoje. Toda noite você lê um desses livros pra mim, Olímpia?

– Você que tem que ler pra mim, pai!

– Ah, é? Quem disse que eu é que tenho que ler pra você?

– Ora, porque sempre são os grandes que leem para os pequenos.

– Mas, e se os grandes querem conhecer os livros dos pequenos, não podem?

– Podem. Eu leio pra você e depois você lê pra mim, tá bem?

– Então tá.

Tinha dias que ele tava preguiçoso pra conversar, aí não queria conversa nem leitura. Eu o chacoalhava e dizia: “Acorde, pai, que quero ler pra você a história de um bule azul-clarinho que é bem legal”.

– A... manhã, tá? Hoje trabalhei como um condenado pra dar conta de um pedido de janelas que vai pra Cuiabá. Tô moído, filha. Acho que vou dormir aqui mesmo no sofá. Você pode ler, mas acho que não vou conseguir ouvir nem até a segunda página. Meu olho não consegue ficar aberto... Leia pra sua mãe, tá?

– Hoje ela tem aulas até as onze horas da noite. Vai chegar louca pra cair numa cama. Vou ler alto pra mim mesma, então.

– Tá, filha. Só hoje, que tô acabado.

Ele ficou acabado a semana toda por causa das janelas que foram pra Cuiabá. Precisavam encomendar tanta janela?

No sábado, ele tava mais aliviado:

– Hoje você pode ler a história da chaleira azulzinha, tá?

– Não é chaleira, pai! É bule azul-clarinho.

– Ah, eu tava quase dormindo naquele dia, não ouvi direito. Mas hoje sou todo ouvidos.

Quando terminei de ler a história, ele disse:

– Hum! Eu já tinha ouvido falar de encantador de abelhas, encantador de cobras, mas de encantador de bules nunca tinha ouvido falar, não. Gostei das quadrinhas em que a moça vai dizendo pra abrir o caminho pra casa do encantador. Como é mesmo aquela que embola fita e fato, fato e fita?

– Preste atenção, que não vou repetir. É assim:

Não sei se é fato ou se é fita

Não sei se é fita ou se é fato

Só sei que ele me fita

Me fita mesmo de fato.

– Outro dia você lê de novo a história do bule azulzinho pra mim, Olímpia?

– Só se você não estiver acabado de tanto fazer janelas, OK?

No dia em que ele foi embora pra sempre, a gente tomou café juntos pela manhã:

– Olímpia, peça a sua mãe pra levar você à cabeleireira pra cortar esse cabelo que tá caindo no seu olho.

– Ih! Ela tá cheia de provas pra corrigir.